

O Impuro

Por Thiago Augustinho

Minha família foi assassinada. Foi toda assassinada por vampiros. E eu sou retalhos do meu passado. Todo o meu esplendor e saúde foi degradando; deixei todos aqueles que me restaram... Eu dizia que eles eram os culpados. Os únicos que não tinham culpa; eles eram os culpados. Não erraram em nada, só fui eu quem cobrei demais. E eles deram o que eu queria. Eu lhes dizia que não queria mais um ombro amigo, e eles que se tornavam culpados, apenas por obedecer a minha razão.

Eu só queria me proteger do mundo de fora. E aos poucos eu vi que precisava de um anjo. E ela voltou aos meus braços, meu anjo. Minha emoção estava ocupada agora. Minha razão não.

Aprendi a atirar. Logo tornou-se um vício, sim como tudo que eu me deixava aprofundar. E logo eu era um dos melhores. Mas meu anjo voou, ou melhor, a ergueram alto demais. E em meio de suas penas, o seu anel de ouro brilhou para me trazer sorte em sua vingança. Transformaram-na no que eu mais temia; e eu fui obrigado a matá-la. E com ela, matei minha razão. E por muito tempo mergulhei minhas noites matando cada vez mais a minha razão. Destruía tudo e a todos que se quer me lembravam a natureza vampírica. Eu era só um adolescente indefeso, e o que eu me tornei foi inacreditável.

Selecionei os meus amigos. Mudei-me para São Paulo. E foi nesta cidade que eu fui, literalmente, tocado pela Noite. Chamei por Nyx, e ela veio até mim, e me ergueu. Jurei ser o seu Juiz; o martelo da justiça, a lâmina da sentença. Recebi a sua dádiva, sua bênção.

Tive uma queda, e logo me aprisionei. Deixei os poucos amigos que me restavam, mais uma vez, para viver só. Só eu. E neste tempo eu escrevi livros, li sobre literatura e arte, e pintei muitos retratos e quadros. Escrevi as minhas memórias em poesias, e fiz disso a minha vida. A minha vida por 2 anos. Depois disso estava nas ruas de novo, freqüentando a noite em busca de mais uma face demoníaca, com dentes de tubarão e olhos amarelos. Eu queria o anjo de volta. Era obsessão, e a pior de todas. Quem eu cobiçava já tinha deixado este solo. Tinha partido, por um erro meu. E quais eram os culpados desta vez? Amigos? Não, os vampiros. Os Morbs.

Até que eu encontrei novamente eles. Dois de meus amiguinhos dos tempos de adolescência. Nem lembrava da existência de nenhum deles, tamanha era a nuvem negra que cismava em meus olhos. E eles me recepcionaram da pior maneira possível. Eles eram Ekimmu, os piores deles. Mas não Morbs. Não tinham aquele rosto provocante, que pedia por uma estaca no peito; apenas unhas de vidro, e olhos que, na escuridão, se tornavam dourados. E aqueles olhos imploravam por fogo.

De início, eles me torturaram. Fui humilhado, usado e corrompido. O fardo que eu carregava tão bem foi despedaçado. Fiquei preso em uma jaula junto de um leão morto por uma semana. Comi da carniça de um leão demoníaco por uma maldita semana. E quando acordo, percebo que eles voltaram trazendo várias seringas, com os mais diversos tipos de sangue. Aos pés deles estava uma mulher. Era uma Morbs de cem anos. E após brincarem de tiro ao alvo comigo, e transformarem-me em seu tubo de ensaio, eu fui vampirizado. Sim, fui transformado no meu inimigo, no que eu mais odiava. Não perdi minha alma humana para Aether, como ocorre com todos os Morbs. Eu tinha uma alma.

E era a única coisa que me mantinha firme quanto ao meu juramento com a Deusa da Noite. Mas eles retalharam toda a minha alma, e em duas ou três noites eu já estava no abismo. Mas ainda matava vampiros de minha condenada raça. Ainda matava Morbs.

Eles dois sempre são mais poderosos que eu. Não posso com eles. Sirvo à eles de boa vontade, como uma família, porque eu enlouqueci, claro. E que bom eu estar ciente disso. E quando a oportunidade de me livrar de um deles aparece, eu o faço, sem sucesso. O tempo está passando, e eu estou cada vez mais insano. Tinha noites inteiras que eu apenas consumia para invadir casas - coisa que só eu, como Morbs, posso fazer - e matar cada casal feliz que encontrava. Um apaixonado na rua era o bastante para mover seu sangue até meus lábios secos e murchos. Era o bastante para lhe arrancar os olhos, a língua, e lhe costurar os lábios.

Mais um amigo nosso se uniu ao grupo. Era um momento crítico da cidade, mas nada que a nossa turminha não resolvesse. Ele tinha estudado as artes arkanas das Trevas, e foi promovido a Strigoí pela noite. E eu era o único Morbs da família. Mas eu era especial.

Com o tempo, eu fui sentindo mais fome que o normal - o que não deveria acontecer, uma vez que você envelhece como vampiro, menos sangue você necessita. Meu sangue era mais potente. Logo meus amiguinhos acrescentaram mais sangue em minhas veias: sangue Lamiai, Incubi, dragão, élfico, anão, daemônio, Ekimmu, feérico, lupino, dríade, goblinico, e tudo possível. Eu era o Impuro.

E isso é minha vantagem. Sou o juiz que foi condenado e tornou-se impuro como pena.
Sou Impuro.